



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 14 DE OUTUBRO, DE 2024 - 21H00

Sessão 19 “VEIO DO OUTRO MUNDO” (1982)



O cinema fantástico americano atravessava, em inícios da década de 80, um período brilhante, há que reconhecê-lo. As próprias razões económicas que justificam esta explosão têm de encontrar explicação em outras, mais profundas, que as ditam e as condicionam. Esta vaga de temas fantásticos no cinema tem de ser explicada por inquietações profundas que a desencadeiam e a sustentam ao nível do público. O que daria seguramente matéria para desenvolvidos comentários.

Admirador incondicional do velho e já clássico cinema americano como já vimos, Carpenter volta a inspirar-se em Howard Hawks para refazer um tema do mestre. Depois de ter glosado a situação de Rio Bravo, em Assalto à 13ª Esquadra, eis que se baseia

livremente em “The Thing”, uma obra de 1951, que traz a assinatura de Cristian Nyby, mas que as histórias do cinema assinalam como supervisionada - e em grande parte dirigida - por Howard Hawks. É esta “Thing” que Carpenter repõe em circulação, adaptando todavia o tom da história aos nossos dias, e, mais do que isso, adaptando-se às suas preocupações e estilo. Veremos que essas adaptações são tais que dificilmente se poderá falar numa nova versão, para se lhe preferir o termo recriação.

Partindo do romance de John W. Campbell (“Who Goes There?”) que esteve igualmente na base do argumento escrito por Charles Lederer para o filme de 1951, John Carpenter serve-se desta feita duma história idealizada para o efeito por Bill Lancaster. O ponto de partida é idêntico ao da versão anterior: algures no Atlântico, uma equipa de comissários da United States National Science Foundation, ali destacada para estudar aspectos relacionados com o meio ambiente, vê-se subitamente confrontada com uma situação invulgar: uma base de noruegueses que fica perto da sua é atacada por algo que os americanos não sabem localizar e de que os noruegueses já não podem falar, porque, entretanto, foram todos dizimados. As investigações imediatamente iniciadas levam a supor que, há cerca de 100.000 anos, uma nave espacial havia pousado naquele local, tendo-se conservado congelado na neve um estranho organismo (“the thing”) que, descongelado, voltará à vida, infiltrando-se no corpo de outros animais ou pessoas, assimilando-os e assumindo a sua forma. Os seres assim atacados deixam de ser quem eram, mas apenas réplicas de si mesmos, possuídos por essa “coisa” estranha.

E a “coisa” instala-se no acampamento americano. Com ela a suspeita. A dúvida rodeando todos e a todos consumindo. Cada um dos elementos daquele grupo de homens pode ser uma réplica perfeita de si próprio, levando os outros a contaminarem-se. Nalguns dias, a “coisa” à solta tomaria conta da Terra. Mas, uma tempestade isola o grupo. Este terá que contar somente consigo mesmo, isolando a “coisa” por si próprio, e neutralizando-a, se possível. Acontece que as condições de sobrevivência não são as melhores, e a suspeita que se instala entre todos aumenta as dificuldades. Estes homens que se entreolham com vontade de se liquidarem entre si, para evitarem ser possuídos por essa “coisa” informe e viscosa, lutam agora contra algo de que desconhecem as possibilidades, mas lutam igualmente contra si próprios, perdida que foi a confiança em tudo o que os rodeia.



Situação bem do agrado de Carpenter, esta de reunir um conjunto de pessoas e transformar esse beco sem saída num pequeno inferno à beira da ruptura. Já havia sido assim em Assalto à 13.” Esquadra, em O Nevoeiro, mesmo em Nova Iorque, 1997, com Manhattan isolado do resto do mundo, prisão de máxima segurança de todo o universo. Em Veio do Outro Mundo, o resultado só pode ser a destruição sucessiva desses homens, pela “coisa” que não perdoa, mas também a destruição de uns pelos outros.

A estrutura pode indicar uma leitura metafórica, que não se recusa, mas a ideia de Carpenter parece ser desenvolver uma situação limite, até ao extremo dos extremos. O que faz, com a segurança e a habilidade que lhe são características. Acontece, porém, que “The Thing” se prende mais com o “horror” do que com o terror, e nesse aspecto, existem elementos que nos parecem mais fáceis na sua relação com o público do que algumas das anteriores obras de Carpenter, o que retira certa força à película, conferindo-lhe inclusive, um aspecto algo repugnante que, se por um lado confirma os méritos dos efeitos especiais de grande realismo, por outro faz resvalar o filme para terrenos que não são propriamente da nossa simpatia. Há imagens em The Thing que nos arrepiam, obviamente, mas nos não inquietam, o que poderia ser bem mais interessante.

De qualquer forma, há que reconhecer grande maestria a Carpenter, mas num campo que se coloca deliberadamente do lado oposto, ao de um Spielberg, por exemplo: enquanto para Carpenter o espaço nos manda E.T.s vorazes e dominadores, que procuram ocupar a Terra, Spielberg dá-nos uma leitura bem diferente desse espaço, donde nos chegam igualmente seres estranhos, mas de bondosos sentimentos, que apenas nos procuram “tocar” com a sua sensibilidade e amor.

Lauro António





VEIO DO OUTRO MUNDO

Título original: The Thing ou John Carpenter's The Thing

Realização: John Carpenter (EUA, 1982); Argumento: Bill Lancaster, segundo história de John W. Campbell Jr. ("Who Goes There?"); Música: Ennio Morricone; Fotografia (cor): Dean Cundey; Montagem: Todd C. Ramsay; Casting: Anita Dann; Design de produção: John J. Lloyd; Direcção artística: Henry Larrecq; Decoração: John M. Dwyer; Maquilhagem: Lance Anderson, Margaret Beserra, Rob Bottin, Dale Brady, Rob Burman, David Robert Cellitti, Don Chandler, Ken Chase, Robert Cole, Jan Cook, James Cummins, Richard Davison, Ken Diaz, etc.; Direcção de produção: Robert Latham Brown, Fitch Cady; Assistentes de realização: Jeffrey Chernov, Larry J. Franco, Bruce Humphrey, Michael E. Steele; Departamento de arte: Jim Callan, Michael R. Gannon, Richard A. Gonzales, Graeme Murray, Bob Nohles, Frank Parker, Joseph R. Savko, Barton M. Susman, Milton Wilson, John Zemansky; Som: John K. Adams, Joseph F. Brennan, Thomas Causey, Warren Hamilton Jr., David Katz, Cliff Kohlweck, Ernesto Mas, Colin C. Mouat, Kendrick Sweet, David Lewis Yewdall; Efeitos Especiais: Roy Arbogast, Hal Bigger, Michael Clifford, William Lee, Hans Metz, Lee Routly, John K. Stirber, etc.; Efeitos Visuais Especiais: James Belohovek, Jim Danforth, James Hagedorn, Peter Kuran, George Lockwood, Bill Taylor, Susan Turner, Albert Whitlock; Produção: Stuart Cohen, David Foster, Larry J. Franco, Wilbur Stark, Lawrence Turman; Com: Kurt Russell (MacReady), Wilford Brimley (Blair), T.K. Carter

(Nauls), David Clennon (Palmer), Keith David (Childs), Richard A. Dysart (Doutor Copper), Charles Hallahan (Norris), Peter Maloney (Bennings), Richard Masur (Clark), Donald Moffat (Garry), Joel Polis (Fuchs), Thomas G. Waites (Windows), Norbert Weisser, Larry J. Franco, Nate Irwin, William Zeman, John Carpenter (video amador norueguês), Anthony Cecere, Kent Hays, Larry Holt, Melvin Jones, Eric Mansker, Denver Mattson, Clint Rowe, Ken Strain, Rock A. Walker, Jerry Wills, etc.

Duração: 109 minutos; Distribuição em Portugal: Filmes Lusomundo; Estreia em Portugal: Cinema Mundial (Lisboa); Edição vídeo e DVD: Lusomundo Audiovisuais; Classificação: Não aconselhável a menores de 18 anos.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 21 DE OUTUBRO DE 2024

MASTERCLASS Cinema Americano Anos 80 21H00 (entrada livre)

"O FENÓMENO" de Tobe Hooper / 1982